Ritual e o mundo do samba

MARIA LAURA V. C. CAVALCANTI

O livro de José Sávio Leopoldi "Escola de Samba, Ritual e Sociedade" * inscreve-se numa importante e recente linha de trabalho que têm buscado aplicar às sociedade complexas e instrumental teórico e as técnicas desenvolvidas pela Antropologia Social no estudo das sociedades ditas primitivas. No caso o autor analisará as Escolas de Samba que enquanto manifestação social tipicamente urbana configurar-se-ão como uma forma específica de organização basicamente das camadas subalternas da sociedade. Como tal, reunindo em seu interior elementos de experiência social diversa, constitui e expressa um campo de experiência comum. Por outro lado utiliza-se de toda uma tradição do estudo de rituais e simbolismo na análise do desfile das Escolas — considerado como o ponto ótimo do carnaval carioca, síntese do próprio carnaval brasileiro. [1] Estas duas vertentes do livro, como o veremos, articulam-se intimamente.

Evidentemente numa sociedade histórica e de classes, o antropólogo é obrigado a recorrer a uma série de outros instrumentos de trabalho que o auxiliem a dar conta do fenômeno estudado. Nesse sentido é utilizada uma vasta bibliografia sobre o samba e o carnaval, tomada como matéria prima, bem como estudos da Sociologia brasileira sobre a sociedade nacional.

O Desfile das Escolas de Samba será trabalhado como um ritual. A intenção é a de "captar o significado social subjacente ao fenô-

---

* Leopoldi, José Sávio. *Escola de Samba. Ritual e Sociedade,* Vozes, 1978.

1 Na verdade, o autor oscila entre uma consideração mais cuidadosa do Desfile, especificando que se trata do carnaval carioca e a colocação do Desfile das Escolas de Samba como síntese do carnaval brasileiro. Esta última colocação mereceria maior aprofundamento, na falta do que parece mais expressar uma versão particular do desfile das Escolas de Samba que tende a se impor como versão dominante.

meno carnavalesco" (p. 19). Enraizando-se na tradição antropológica que toma os rituais como "expressão fundamental da ordem em que emergem", o autor tomará o ritual em sua acepção mais ampla: "como categoria que abrange não só a manifestações de caráter religioso (Gluckman e Turner), mas também as que não possuindo conotação religiosa são suscetíveis de expressar aspectos cruciais da estrutura em que ocorrem. A crença é a de que os vários rituais de uma determinada sociedade fornecem variadas leituras da ordem social, recobrindo determinados aspectos de sua estrutura. Como especificamente isto se dá é a questão para a qual o autor pretende contribuir com a análise do Desfile das Escolas de Samba.

O ponto de partida é a noção de Communitas desenvolvida por V. Turner, a partir da fase de "liminaridade" dos ritos de passagem (Van Gennep) na qual os agentes antes de retomarem à sociedade com a posição social redefinida parecem situar-se momentaneamente fora da estrutura, despidos de todos os atributos anteriores socialmente nus, vendo-se como seres humanos totais. Turner opõe estrutura à communitas enquanto modelos de relacionamento social alternantes. No sentido em que o primeiro termo representaria a sociedade tomada como um modelo estruturado, hierárquico e o segundo seria como que a anti-estrutura, implicando um contexto de relacionamento não estruturado. A proposta é a de trabalhar com uma re-interpretação crítica da noção. O ponto refutado é o da caracterização da Communitas a partir da ausência de atribuição de status. Ora, diz o autor, "o próprio neófito possui o status de neófito, com direitos e deveres como qualquer outro" (p. 25). Sua abordagem pretenderá então exatamente demonstrar o caráter estruturado da communitas carnavalesca. José Sávio vale-se de Goffman — os internos de uma instituição total também são submetidos a um despojamento dos atributos sociais que os qualificavam até então; entretanto o que daí emerge não é uma anti-estrutura, mas sim um contexto de relacionamento altamente estruturado, hierarquizado, controlado. Há a atribuição de uma multiplicidade de novos status. E, vale-se de Garfinkel que analisa as cerimônias de degradação mostrando como aquele que a elas se submete é o produto de um processo bem sucedido de denúncia — acusadores e acusados ao interior das relações socialmente estruturadas.

Turner ao que parece tomaria um efeito que não é senão simbólico como realidade. Fica da formulação de Turner o valioso insight da variação dos momentos sociais em que se efetivam as relações em uma dada sociedade, o que permitiria uma perspectiva global do conjunto social, de suas variações conjunturais. O autor

na verdade substitui à noção de communitas a de situação social — "o conjunto de circunstâncias nas quais as relações sociais se expressam empiricamente", realização das múltiplas possibilidades latentes de um mesmo modelo estrutural. O que importa é "uma compreensão maior das próprias relações que engendram os modelos estruturais das sociedades, como também determinar o nexo da articulação entre os contextos sociais e determinados tipos de manifestações, especificamente os rituais" (p. 30). O termo Communitas que permanece um instrumento de análise do autor ganha assim um sentido bastante preciso — enquanto equacionamento específico das relações sociais, caracterizará "o contexto relativo a um período de relaxamento das normas sociais" (p. 32). É nesse sentido que a idéia de Communitas se aplica ao Carnaval brasileiro — "momento adequado à emergência de manifestações rituais de celebração dos aspectos "comunitários" da estrutura social".

Se a noção original de Communitas sai sem dúvida bastante empobrecida, o debate teórico travado com Turner é extremamente frutífero, pois que dele emergem uma série de formulações muito interessantes. Basicamente a de que a Communitas — como criação ritual não implica a exclusão de status e sim a atribuição de um status específico, ou seja tem um caráter estrutural que deve ser sugerido pelo sistema social global, e, o que se relaciona a isso a preocupação com a apreensão do nexo que articula contexto social e manifestação ritual. A análise do autor é a melhor mostra disso.

Se a Escola de Samba tem o motivo último de sua existência no desfile — momento ritual por excelência — ela o ultrapassa em dois sentidos. Por um lado há o contexto no qual ela existe, denominado pelo autor de Mundo do Samba e do qual se faz um breve histórico. O interesse deste ponto é a delimitação de um contexto no qual o samba emerge como manifestação social e cultural de um grupo específico, identificado às camadas subalternas da sociedade brasileira. Esta colocação parece-me central pois é a partir dela que se define o sambista como aquele que se identifica com o 'ethos' de um grupo social específico (diferente de um compositor qualquer de samba e em oposição ao sambeiro, elemento que não se vincularia intimamente ao 'ethos' desse grupo): "o sambista participa de uma rede de relações consubstanciadas pelo significado que o samba assume coletivamente e, em conseqüência, como elemento estratégico de definição do seu universo social" (p. 41). Por outro lado, ao interior do mundo do samba a escola tem sua existência específica, e a partir da mesma colocação o autor a define como uma verdadeira instituição do mundo do samba, com papel de transmissão e

manutenção da cultura de um grupo e, que mantendo uma relação estreita com seu ambiente mais imediato associa-se intimamente à sua experiência social.

O autor fornecerá então uma boa descrição em termos sociológicos do fenômeno, estudando a organização interna da escola, sua dinâmica, e apresentando um estudo de caso que busca situar a Escola e seus componentes ao interior da hierarquia social. O que ressalta desta descrição analítica são os pontos de atrito, tensão e pressão que além de esclarecerem sobre a natureza e funcionamento interno da Escola apontam a todo momento para a relação desta com o mundo social mais abrangente no qual se insere. O caráter dessa relação se esclarece na análise das mudanças que a partir da oficialização e "popularização" (i.e. afluxo das camadas médias) vêm ocorrendo, reforçando aquilo a que o autor denomina "organização formal" ("domínio da atividade burocrática" "levada a efeito para assegurar à agremiação as condições adequadas para atingir os seus objetivos" p. 48) em oposição à "organização carnavalesca" ("conjunto e articulação dos elementos mais diretamente vinculados à apresentação da Escola no desfile). A oposição sambista/sambeiro que se desdobra desta, bem como a análise da evolução do papel do artista são bons exemplos do tipo de pressão e dos pontos de conflito vivenciados pela Escola. O artista é quem planeja o enredo e providencia tudo que a ele se associa. Nos últimos tempos sua esfera de influência tem aumentado cada vez mais. Interfere por exemplo na escolha do samba-enredo, cujo critério até então era o da evidente animação dos participantes. A legitimação desta influência crescente está no fato de que o artista está orientado por padrões estéticos e musicais mais adequados à perspectiva que enfatiza o fato da escola apresentar-se para ser julgada, padrões distintos dos que vigoram tradicionalmente entre os sambistas.

Confrontam-se assim duas tendências: a que privilegia o aspecto formal da atividade carnavalesca ("a escola apresenta-se para ser julgada") e a que privilegia a participação dos sambistas. A primeira tende a impor-se com maior peso. Ambas entretanto se em um sentido opõem-se, em outro complementam-se pois reconhecem-se uma a outra como indispensáveis.

A conclusão central a que chega o autor é, a meu ver, a de que o mundo do samba é internamente estruturado e hierarquizado, podendo ser tomado como um microcosmo social que reproduziria a oposição camadas superiores/camadas subalternas que vigora na sociedade mais ampla.

A lógica do trabalho acompanha a de seu objeto de estudo. Em outras palavras, se os esforços da Escola de Samba convergem para e culminam em o momento do desfile, assim também as colocações feitas preparam e convergem para a análise do Desfile como ritual de Integração.

O período carnavalesco como que suspenderia os mecanismos de controle social que regem o cotidiano. O indivíduo, ao menos psicologicamente liberta-se destes. É essa "evasão" que criaria um universo simbólico idealizado, representado em termos de "liberdade", "igualdade". Esta representação seria o cerne do desfile das Escolas de Samba visto como manifestação ritual. O ritual privilegiaria o indivíduo como ser humano total, daí a representação igualitária que produz, em oposição a representação do indivíduo como ser social em uma sociedade basicamente desigual. No ritual entretanto a primeira representação se sobreporia à segunda igualando nesse período específico de tempo também socialmente os indivíduos. Fundindo então o mundo da fantasia ao mundo do real, integram-se o mundo social e o mundo do samba. Essa integração propicia uma relação de inversão e compensação de papéis entre eles: o mundo do samba identificado com as camadas subalternas da sociedade ocuparia por momentos posição de destaque.

A análise entretanto não para aí. Na verdade é como se até então ela tivesse permanecido na representação que os agentes que vivenciam o desfile carnavalesco têm deste. Isto tudo, como diz o autor é "tão-somente simbólico": "Não obstante, uma análise mais detalhada do desempenho dos papéis rituais vai revelar-nos que esse deslocamento para o centro da representação carnavalesca é não só muito relativo como age no sentido de encobertar a estrutura subjacente ao nível simbólico que — colocada a descoberto — mostra que as relações estruturais de todo o complexo social se reproduzem no próprio desfile carnavalesco" (p. 123). É interessante tentar precisar um pouco mais qual é o estatuto do "simbólico". Poder-se-ia por um lado entendê-lo como mentiroso, no sentido em que embora produto de mecanismos sociais específicos, essa representação não é senão aquela que os próprios agentes que vivenciam o fenômeno têm deste, é nesse sentido que encobre uma realidade subjacente a ele. Por outro lado, e o próprio autor nos alerta, é real, no sentido em que a representação é produzida e socialmente produzida e como tal vivenciada.

Deslocando-se então para essa "estrutura encoberta pelo nível simbólico" o autor mostrará, repartindo os componentes do desfile em elementos ativos (que se apresentam) e passivos (expectadores,

juízes e autoridades presentes), como tanto como no primeiro como no segundo grupo os agentes do mundo do samba ocupam majoritariamente as posições subalternas. No primeiro ocupam os locais mais baratos da arquibancada, quando não permanecem do lado de fora destas. No segundo há uma hierarquização dos papéis rituais, ocupando os sambeiros a posição de maior destaque, e os sambistas os papéis mais desvalorizados.

Sintetizando as duas colocações o desfile das Escolas de Samba aparece então como "um dado definitivamente estruturado do sistema global" "caracterizado pelo equacionamento suis generis das relações sociais entre os agentes que o vivenciam" (p. 131).

Com este último ponto a proposta do livro se fecha: o mundo do samba reproduziria no seu interior as relações estruturadas da sociedade abrangente, estaria demonstrado o caráter estrutural da 'communitas' do desfile carnavalesco. O problema que permanece entretanto é o de porque, dado esse caráter estruturado da communitas carnavalesca, os agentes que dela participam a representam e vivenciam da maneira como o fazem.

A análise de José Sávio Leopoldi, ao ultrapassar os limites do desfile carnavalesco como momento ritual, examinando cuidadosamente quem e como dele participa, enriquece e amplia a busca de seu significado. Neste sentido constitui sem dúvida uma contribuição relevante e leitura obrigatória para pesquisadores e quem quer que tenha interesse pelas manifestações da cultura popular em geral e pelo fenômeno carnavalesco em particular suas relações com a sociedade brasileira. Além do que aponta um caminho que merece ser discutido e explorado para o esclarecimento do nexo existente entre manifestações ritual e estrutura social.

BIBLIOGRAFIA

Da Matta, Roberto, 1970. "Mito e Antimito entre os Timbira". In: *Mito e Linguagem Social.* Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, p. 75-106.

1973. *Ensaios de Antropologia Estrutural.* Petrópolis, Vozes.

1974. *Carnaval e Sete de Setembro: Um Estudo Preliminar de Dois Rituais Nacionais Brasileiros.* Rio de Janeiro (mimeo.).

Garfinkel, Harold, 1956. "Conditions of sucessful Degradation Ceremonies", *American journal of Sociology,* 61, 420-424.

Gluckman, M., 1962. (ed.) *Essays on the Ritual of Social Relations.* Manchester, University Press.

1971a *Order and Rebellion in Tribal Africa.* Londres, Cohen & West.

1971b *Politics, Law, and Ritual in Tribal Society.* Londres, Basil Blackwell.

Goffman, Erving, 1971. *La Presentacion de la Persona en la vida cotidiana.* B. Aires, Amorrortu.

1974. *Manicômios, Prisões e Conventos.* São Paulo, Perspectiva.

Leach, E. R., 1967. *Political Systems of Highland Burma.* Boston, Beacon Press.

Turner, Victor M., 1972. *The Forest of Symbols.* Ithaca, Cornel University Press.

1974. *O Processo Ritual.* Petrópolis, Vozes.

Van Gennep, A., 1969. *Les Rites de Passage.* Paris, Muton.